

## LIMITES DA AÇÃO PASTORAL: PRÁTICAS DE CUIDADO E/OU ESGOTAMENTO MINISTERIAL?

Yhur Brulinger Pavei<sup>105</sup>  
Elias Mande Laurindo André<sup>106</sup>

### RESUMO

Este artigo nasceu de experiências de Estágio Supervisionado do curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Refidim. Nas quais houve a oportunidade de vivenciar de perto das funções relacionadas à ação pastoral, bem como construir novas sensibilidades aos limites dessas funções e as possíveis implicações de quando esses limites são ultrapassados. Uma das possíveis implicações de quando se ultrapassa os limites da função pastoral apontados nesse trabalho é o esgotamento ministerial que pode se apresentar de diversas formas. Para melhor compreensão das funções pastorais e seus limites além da reflexão a partir de referenciais bibliográficos que já vêm se debruçando sobre este assunto, fizemos entrevistas com determinados pastores/líderes de comunidades eclesiais para uma compreensão mais objetiva a partir de vivências concretas. Percebeu que apesar da fadiga e desgastes estarem presentes em diversas formas/modos de exercícios laborais, não são inerentes as mesmas, portanto, podem ser prevenidas/evitadas a partir de uma compreensão correta da abrangência da função pastoral por exemplo e, da ação coletiva – coordenada entre pastores/líderes e liderados visando um cuidado mútuo.

**Palavras-chave:** Ação pastoral; Esgotamento ministerial; Vocação; Cuidado.

### ABSTRACT

---

<sup>105</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade Refidim. Técnico em Eletromecânica pelo IFSC Araranguá. Servidor TAE do IFSC Campus Itajaí

<sup>106</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Bacharel em Teologia na Faculdade Refidim.

This article was born from the experiences of a Supervised Internship in the Bachelor of Theology course at Faculdade Refidim. In which there was the opportunity to experience closely the functions related to pastoral action, as well as to build new sensitivities to the limits of these functions and the possible implications of when these limits are exceeded. One of the possible implications of when one goes beyond the limits of the pastoral function pointed out in this work is the ministerial exhaustion that can present itself in different ways. For a better understanding of pastoral functions and their limits, in addition to reflection based on bibliographical references that have already been focusing on this subject, we conducted interviews with certain pastors/leaders of ecclesiastical communities for a more objective understanding based on concrete experiences. He realized that although fatigue and strain are present in different forms/modes of labor exercises, they are not inherent to them, therefore, they can be prevented/avoided from a correct understanding of the scope of the pastoral function, for example, and of collective action – coordinated between pastors/leaders and followers aiming at mutual care.

**Keywords:** Pastoral action; Ministerial burnout; Vocation; Careful.

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem sido registrado um elevado aumento no número de pastores/líderes com frequentes experiências de desgaste físico, mental e emocional que a curto, médio ou longo prazo tende a produzir esgotamento ministerial nos mesmos. Tal esgotamento tem se manifestado por índices de adoecimentos (físico, psicoemocionais, etc) e em últimos casos levando a tentativas drásticas/radicais de escapes como o suicídio.

Esta é uma das questões que mobilizaram/sensibilizaram a necessidade desta reflexão sobre os limites da ação pastoral. A ideia nasceu da experiência da disciplina de Estágio Supervisionado I na área da Ação Missionária e Assistência Social do curso de Bacharel em Teologia da

Faculdade Refidim, segundo semestre letivo de 2019. Onde, na caminhada com o pastor local da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Itajaí/SC, foi possível verificar os anseios cotidianos de um pastor na tentativa de dar respostas com eficiência às inúmeras demandas dos indivíduos que chegavam à sua congregação. Percebendo as articulações e os esforços empreendidos pelo pastor foram surgindo questionamentos do tipo: Até que ponto isso seria benéfico para o pastor? Qual é a relação da ação pastoral e o autocuidado?

No ano seguinte (2020) essa reflexão se ampliara com a experiência do Estágio Supervisionado II, cuja ênfase temática foi Ação Pastoral e Práticas de Cuidado. Esse ano (2020) que pegou o mundo desavisado/despreparado para uma pandemia como a da COVID-19 (SARS-CoV-2) ampliou as demandas pastorais e suas crises a medida que (im)possibilitou diferentes formas de atuação ministerial. Com a elevada taxa de transmissão a Organização Mundial da Saúde – OMS viu na obrigação de declaração estado de calamidade global - Pandemia do novo Coronavírus<sup>107</sup>.

Portanto, o que era uma doença isolada transformou-se numa pandemia que colocou praticamente nações em *lockdown*, forçando medidas drásticas de cuidado pessoal e coletivo. Igrejas, comércios, escolas tiveram de ser fechadas em termos de atendimento presencial. Contudo a busca por aconselhamento, auxílio e ação pastoral aumentou exponencialmente. Com uma doença que concomitantemente expôs as

---

<sup>107</sup> <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. <<acesso em jul/2023>>

desigualdades sociais em termos de possibilidades e condições de acesso aos tratamentos médicos e, afetou a todos independentemente da condição socioeconômica – colocando em pauta os questionamentos sobre os sentidos da existência humana à medida que escancarou a finitude e impotência humana diante de tamanho caos causado por um vírus. Diante disso, inúmeros pastores/líderes viram-se tensionados a dar respostas rápidas especialmente aos anseios escatológicos dos membros de suas igrejas.

Num contexto em que o isolamento social constituía umas principais formas de luta contra a proliferação da COVID-19 a tentativa de dar respostas rápidas a esses anseios fez da função pastoral uma profissão de risco, pois muitas vezes pastores/líderes tiveram que se colocar na linha de frente expondo-se a possibilidade de contaminação, muitas das vezes por não dispor de plataformas digitais que estivessem ao alcance dos seus membros, pela necessidade de visitação que os membros expressavam ou até mesmo quando precisavam consolar os membros que haviam perdido seus entes queridos durante a pandemia. Tais ações pastorais nessas circunstâncias levaram muitos pastores/líderes ao limite de sua capacidade física/mental, sendo que muitos deles antes da pandemia já estavam padecendo de certos sintomas de esgotamento ministerial.

Portanto, a percepção de desses sintomas ou quadro de esgotamento ministerial durante o Estágio Supervisionado II foi trampolim para a elaboração desse artigo. Considera-se fundamental refletir sobre as causas e condições desse esgotamento, como muitas vezes na tentativa de auxiliar/acolher aqueles que estão sob os seus cuidados pastores/líderes acabam se sobrecarregando em demasia, abraçando até funções administrativas que

não constituem parte da sua vocação causando prejuízos para si, para sua família e para a própria igreja. Nesse âmbito vale alguns questionamentos como por exemplo: Quais os limites da ação pastoral? Quais os cuidados a serem observados para evitar esgotamento ministerial? Como a igreja pode/deve participar do cuidado do seu pastor/líder para prevenir um esgotamento do mesmo?

Visando responder a essas questões, como caminho metodológico optamos por entrevistar alguns pastores/líderes de igrejas por meio de um questionário online. A opção por questionário online deveu-se ao fato de a pesquisa ter sido feita durante a pandemia da COVID-19 no período de isolamento social e também pela agilidade que um questionário online possibilitava por dispormos de pouco tempo para uma pesquisa de campo mais complexa. Na tentativa de atender aos objetivos da pesquisa elaboramos alguns critérios/requisitos de seleção dos entrevistados: a) Que o entrevistado seja pastor ou líder de uma congregação; b) Que exerça a função ministerial há no mínimo dois anos; c) Que tenha idade compreendida entre trinta e sessenta anos; d) Que esteja em atividade (pastoreando/liderando) ou congregando de forma efetiva/ativa.

Para manter a descrição preservando a identidade dos interlocutores e como garantia da colaboração dos mesmos optou-se por não citar nomes no artigo, logo a referência utilizada foi elaborada de forma numérica (Exemplo: Pastor 1, 2, etc.) para melhor organização deste trabalho. Em maio/abril de 2022 enviamos o questionário para sete pastores/líderes diferentes denominações, cargos e confissão teológica/doutrinária distinta que haviam sido previamente contatados e colocados a par da proposta de

pesquisa. Apenas cinco pastores responderam às perguntas responderam às dezesesseis perguntas, totalizando oitenta respostas. Os pastores/líderes participantes atendem os requisitos anteriormente descritos e colaboram significativamente para a construção dessa discussão. Por conta do limite de espaço da elaboração deste artigo não apresentaremos aqui as perguntas que foram colocadas, apenas aparecerão à medida que formos fazendo a discussão sobre os pronunciamentos dos pastores/líderes.

## 1. UM OLHAR SOBRE O MINISTÉRIO PASTORAL

Na perspectiva de Clarice Ebert e Lis Andrea Pereira Soboll<sup>108</sup> o pastor é um trabalhador cuja função é atuar na liderança de organizações religiosas. Portanto, o exercício do ministério pastoral compreende o cuidado e direcionamento dos membros de uma determinada congregação a partir de uma perspectiva bíblico-teológica, abrangendo até algumas atividades administrativas da congregação ou organização religiosa.

Ao ler a bíblia nos deparamos com a função de pastorear, função essa comum desde o início das civilizações, que inspirou escritores, filósofos e historiadores que exemplificam o cotidiano de um grupo de indivíduos (parábolas). No entanto, nas Escrituras Sagradas essa referência simbólica à função de pastor é comumente usada ao indivíduo escolhido e vocacionado por Deus para o cuidado, zelo e edificação de um grupo que vai desde uma pequena comunidade a nações inteiras. Tal referência ao

---

<sup>108</sup> EBERT, Clarice; SOBOLL, Lis Andrea Pereira. *O trabalho pastoral numa análise da Psicodinâmica do Trabalho*. Canoas, 2009.

pastorado é vista logo no gênesis quando Deus estabelece ao homem o cuidado com a criação (Gn 1- 26) e posteriormente com Paulo ao estabelecer a idéia do pastoreio de pessoas, onde temos a inserção do indivíduo pastor que reúne os atributos necessários para o cuidado da noiva de cristo (1Tm).

Este olhar é corroborado por autores como Mello e Rosa<sup>109</sup> ao afirmarem que a função do pastor se objetiva em conduzir, cuidar e alimentar as ovelhas do seu rebanho. Nesse sentido isso se aplica muito bem ao contexto evangélico, no qual o pastor está incumbido da responsabilidade de não só de conduzir o seu rebanho pelo verdadeiro caminho que é Cristo, mas cuidando para que as inúmeras heresias não os atinjam, como também alimentá-lo com as escrituras sagradas, para que possam permanecer firmes no Senhor. Alguns dos entrevistados também reafirmaram essa ideia conforme apontou o Pastor 2, ao dizer que o ministério pastoral é *“Os um trabalho exercido com amor em prol do próximo”*. Na mesma linha de pensamento o Pastor 4 afirma que *“o ato de cuidar das ovelhas de Cristo tendo a primazia de alimentá-las pela palavra e guiá-las até o supremo pastor é principal função de um pastor”*.

Logo verificamos que o ministério pastoral é uma chamada a abnegar-se em prol dos outros e conduzir com esmero aqueles que o Senhor lhes concedeu para os cuidar. Trabalho esse que demanda cuidado, ação, dinamismo, visão e acima de tudo amor. Cabe, porém, questionarmos

---

<sup>109</sup> MELLO, Celso Ricardo de Jesus; ROSA, Luiz Augusto. *O ministério pastoral e os desafios na relação familiar*. Faculdade Bíblica das Assembleias de Deus, 2020.

se o ministério pastoral tem por única e exclusivamente o cuidado a outrem? Cabe dentro do ministério pastoral o cuidado o autocuidado?

Quando a Bíblia afirma em João 10:10 “[...] eu vim para tenha vida e vida em abundância” traduz uma preocupação integral com o ser humano. Portanto, podemos deduzir que Deus não vocaciona alguém para alguma tarefa que não envolva o autocuidado. Esse autocuidado compreende todas as dimensões do ser humano. Pois de acordo com Oliveira <sup>110</sup> cuidar do corpo envolve alimentação equilibrada, sono restaurador, atividade física, higiene corporal, espiritualidade saudável, bem como uma convivência harmoniosa com as nossas limitações e/ou condicionamentos sejam elas de ordem espiritual ou material. O ministério pastoral deve contemplar também o auto cuidado, levando em consideração todas as esferas da saúde do indivíduo, sendo assim as devidas atenções por parte da igreja devem ser tomadas; mais a frente discorreremos mais sobre o assunto.

## **2. AÇÃO PASTORAL E ESGOTAMENTO MINISTERIAL**

Ainda discorrendo sobre a ação pastoral, pode ser compreendida como toda forma de serviço prestado pela igreja enquanto comunidade de crentes, orientanda pelo Espírito Santo, à um determinado grupo de pessoas. Tal serviço pode ser prestado fora ou dentro da própria igreja por meio de estruturas diversas que possibilitam identificar e atender as demandas individuais e coletivas de quem acessa esses serviços. Portanto,

---

<sup>110</sup> OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de. *Cuidando de quem cuida: Propostas de poimênica aos pastores e pastoras no contexto de igrejas evangélicas brasileiras*. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo - RS. 2004.

a ação pastoral dentro do espectro evangélico compreende a ação de Deus por meio do seu Espírito de mobilizar pessoas em prol das necessidades do próximo<sup>111</sup>. Neste âmbito, o pastor além de estar capacitado e munido ministerialmente para executar as rotinas pertinentes a sua função deve sempre estar regulamentando suas ações pastorais baseado na palavra de Deus.

No olhar do Pastor 3 a “*Ação pastoral deve estar sempre alicerçada na palavra de Deus, portanto, toda prática contém zelo, piedade, caridade e direção do Espírito Santo de Deus*”. A partir disso pode se inferir que a ação pastoral como o ofício/missão de Deus voltado aqueles que são chamados ou não, dado a indivíduos vocacionados e alicerçados na palavra de Deus.

A ação pastoral poder produzir no pastor/líder impactos físicos e também psicológicos capazes de acarretar a curto, médio ou longo prazo (dependendo do indivíduo) níveis perceptíveis e alarmantes de esgotamento ministerial. Nesse sentido, podemos nos questionar se seria esses esgotamento ou desgaste ministerial é próprio da função pastoral ou pode ser evitado/atenuado a partir de certas precauções. Se afirmarmos que sim, devemos encarar a contradição e questionar se seria então o ministério pastoral uma missão dada pelo senhor que levará seus vocacionados ao desgaste, descontentamento, desânimo e até mesmo traumas profundos que dificilmente farão o servo voltar a querer exercer novamente sua vocação?

---

<sup>111</sup> BRUSTOLIN, Leomar Antônio; *Pastoral/Pastoreio*; Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul. Texto original português. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=187> . <<acessado em jul/2022>>.

ou a causa para o esgotamento ministerial poderia ser a imprudência ao conduzir seu ofício/missão bem como o afastamento dos princípios bíblicos da liderança cristã? Esses questionamentos ainda que pareçam ter respostas óbvias são fundamentais principalmente diante do quadro de adoecimentos psicoemocionais que muitos pastores têm apresentado nos últimos anos.

Ao serem questionados sobre a relação entre ação pastoral e esgotamento ministerial os pastores/líderes responderam o seguinte: Pastor 5: *“O grande problema que nos esgota como pastores é pensar que Deus nos separou para ‘cuidar’ das ovelhas. Não, quem ‘cuida’ das ovelhas é Jesus, nós fomos separados para guiá-las e alimentá-las. O Pastor que assume a função de ‘cuidar’ (o que não nos cabe) com certeza, cedo ou tarde se esgotará”*. Na mesma linha de reflexão o Pastor 4 argumenta: *“A relação destas duas coisas (ação pastoral e esgotamento ministerial) só ocorrem quando o pastor assume aquilo que não é essencial ao seu chamado pastoral. Infelizmente essa é a maioria dos casos”*.

Portanto, percebe-se na fala dos dois pastores explicitado que o esgotamento ministerial está diretamente ligado aos limites da ação pastoral. Ou seja, quando há um desvio de função, no sentido dos pastores/líderes se verem na necessidade/obrigação de fazerem coisas dizem respeito diretamente a sua vocação por razões diversas como a falta de outras pessoas para executar tal tarefa, a falta de confiança em determinados membros de suas comunidades para lhes confiar determinadas tarefas, quando por insegurança/desconfiança o pastor/líder se torna centralizador colocando todo funcionamento da igreja sob a sua dependência – quando não se tem uma gestão/administração

coletiva/participativa/democrática da igreja. Ou ainda, como acrescenta o Pastor 2: *“quando um pastor, perde a essência do amor e se torna um profissional, estando em sua posição e exercendo seu trabalho de uma forma ativista”*.

Percebemos então que o esgotamento ministerial é evidenciado pelas má gestão da função pastoral, os excessos aliados com nossa fragilidade como seres humanos acarretam aos problemas listados anteriormente, cabe ao pastor/líder identificar sua falha e seus excessos e colocar em prática aquilo que a bíblia nos direciona em Atos dos Apóstolos 20:28 *“Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os designou como bispos, para pastorear a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue”*; E também o que relata em 1 Pedro 2 - 4 *“Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que foram confiados a vocês, mas como exemplos para o rebanho. Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória”*.

Fica explícita a necessidade de repensarmos a abrangência da atuação pastoral e sobre os desvios que por razões diversas têm sido construídos em torno da mesma. Desvios esses que tendem a destoar e descaracterizar a própria vocação ministerial de pastores/líderes. É importante que essa reflexão seja feita não apenas por aqueles/as que se sentem/percebem vocacionados para o exercício da função pastoral, a igreja enquanto comunidade que é conduzida por esses pastores/líderes

também deve ser chamada para esta conversa e deve ter voz ativa/participativa na mesma, pois para que os pastores/líderes sejam e se sintam cuidados é necessário uma via de mão dupla – a igreja deve cuidar do pastor à medida que é cuidada por ele distanciando-se das relações hierarquias/opressões.

É veementemente necessário que as igrejas como instituição se responsabilizem pela promoção de ações educacionais que visam identificar e tratar de forma humana e pontual pastores/líderes que por diversos motivos estão apresentando esgotamento ministerial exercendo suas funções eclesiásticas, é imprescindível a criação de ferramentas/dispositivos/mecanismos passíveis de prevenir o esgotamento e orientar sobre as funções bíblicas do ministério pastoral e a liderança como um todo. Pois é evidente que o esgotamento ministerial não faz parte da vontade divina para o indivíduo vocacionado (pastor/líder), é sim uma das consequências de uma má compreensão da abrangência dessa vocação que vai produzindo desgastes, descontentamentos, abandono de convicções fundamentais da própria fé, desestruturação do ambiente familiar, enfraquecimento da própria comunidade eclesiástica e em último caso morte espiritual e física (suicídio).

### **3. UMA IGREJA QUE CUIDA DO SEU CUIDADOR VOCACIONADO**

Como é de conhecimento geral toda igreja ou comunidade eclesiástica possui um líder, que pode ser intitulado de Pastor, Bispo, Ancião, Apóstolo, Profeta, entre outros, dependendo da orientação confessional

e/ou da linhagem bíblico-teológica. Praticamente possuem funções idênticas e atuam diretamente no cuidado e orientação dos congregados, fazendo-se importantes para o bom andamento da obra, pois como citado anteriormente seu papel é de conduzir a igreja a Cristo Jesus. Contudo o inverso também é importante ser lembrado, pois é dever da igreja honrar e cuidar de seus pastores com diz em Hebreus 13:17 *“Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros”*.

O ministério pastoral cristão como visto anteriormente tem seus desafios e deve ter a atenção ímpar da igreja. O *“não gemendo”* deve ser levado em consideração, pois a igreja que se diz cristã deve ter em si mesma a marca de cuidado integral dos seus membros e pastores/líderes, nela todos devem se sentir acolhidos, cuidados e muito amados por Deus e por todos membros.

Para o Pastor 3 *“Toda labuta pode causar fadiga e esgotamento, no ministério eclesiástico não é diferente. Portanto, deve conter-se nos cuidados especiais como planejamento e ação”*. Aqui percebe-se uma inerência de uma possível fadiga ou esgotamento do exercício pastoral, porém, que pode ser prevenido ou contornado com ação efetivas planejamento e ações bem coordenadas. Dentro dessas ações é importante incluir modos de identificação e cuidado com/dos desgastes ministeriais, como cuidados pastorais para pastores/líderes nos quais os mesmos têm a oportunidade de escuta acolhedora, de descansar de suas atribuições e performances ministeriais por algum momento.

Propiciar encontros de pastores com enfoque médico-pedagógico, onde profissionais da saúde esclareçam dúvidas e orientem, como nutricionista, clínico geral, além de especialistas em temas específicos<sup>112</sup>.

Portanto, os pastores/líderes deveriam passar por exames periódicos de rotina para avaliar sua saúde física e mental, procurar frequentemente ajuda psicológica e instruir-se também em outras áreas além das esferas denominacionais.

De acordo com Souto e Fluck<sup>113</sup> o desgaste ministerial ou esgotamento pode ser caracterizado como um sentimento de exaustão emocional que pode ser a primeira fase de um processo progressivo de perdas de energias entre o trabalho realizado e o cansaço. Portanto, a partir de um olhar atento sobre os seus pastores/líderes pode ser possível que a comunidade eclesial consiga perceber os sinais de esgotamento ministerial pelo modo como os mesmos vão exercendo as suas funções, as suas alternâncias de ânimos, os modos de tratos/orientações aos fiéis.

Ao questionarmos os entrevistados sobre a existência de ações preventivas contra o esgotamento ministerial em suas igrejas, o Pastor 2 respondeu o seguinte: “Creio que estamos começando a perceber essa fragilidade, e organizando mecanismos para combater tal adversidade”. Apesar de parecer atrasada é animador o fato de já termos presentes em

---

<sup>112</sup> OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de. *Cuidando de quem cuida*: Propostas de poimênica aos pastores e pastoras no contexto de igrejas evangélicas brasileiras. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo - RS. 2004.

<sup>113</sup> SOUTO, Gilmar Santos; FLUCK, Marlon Ronald. *Esgotamento no trabalho pastoral*. Revista Teologia, Sociedade e Espiritualidade Betânia; n°5, v.1, Curitiba – PR, 2018.

muitas igrejas esses mecanismos de combate ao esgotamento ministerial dos seus pastores/líderes. Isso, em parte, é fruto da ampliação das discussões das ciências da saúde principalmente no campo da psicologia sobre as diversas formas de sofrimentos que atingem a humanidade. Assuntos como depressão, esgotamento, fadiga têm crescido cada vez mais em nas mídias sociais levando ao descobrimento de inúmeros casos dentro das igrejas, fazendo com que pastores busquem ajuda e as igrejas busquem ferramentas de percepção que possam prevenir adoecimentos e casos extremos como suicídio, que podem ter origem em uma depressão velada por anos.

#### **4. AUTOCUIDADO – UMA CONTRARRESPOSTA AO ESGOTAMENTO MINISTERIAL**

A percepção de nós mesmos em relação ao serviço cristão é de suma importância quando o assunto é esgotamento ministerial. Temos atualmente recursos humanos/científicos que podem nos auxiliarem como indivíduos na tomada de decisões sobre as melhores estratégias para cuidar e precaver o esgotamento no serviço cristão. O indivíduo envolvido no pastoreio ou liderança deve de tempos em tempos fazer uma autoavaliação sobre em termos qualitativos e quantitativos sobre a sua própria atuação ministerial, no sentido de dimensionar a sua aproximação ou distanciamento das orientações bíblico-teológicas para a sua própria vocação, tendo como principal base o modelo de Jesus.

Essa autoanálise ajudará a compreender os alinhamentos do mesmo com os princípios fundamentais do reino de Deus. Possibilitará identificar

as motivações que o levam a permanecer ou não no exercício ministerial, também viabiliza a identificação das limitações de cada um, bem como as necessidades de maior cuidado ou aperfeiçoamento em determinados aspectos.

Tal percepção foi corroborada pelos pastores/líderes quando questionados sobre o que podem fazer para prevenir/evitar o próprio esgotamento ministerial. Os mesmos relataram o seguinte: Pastor 1 *“Aceitar que ele existe (esgotamento ministerial), e que nenhum deles (pastor) é super homem que nunca irá passar por isso”*. Pastor 4 *“Ter semanalmente um tempo de descanso e desligamento total. Onde pode ter um tempo pessoal e familiar de renovo. Ter uma agenda disciplinada para não haver excesso de atividades que impeçam seu tempo com Deus e seu tempo de renovo”*. Pastor 5 *“Entender que não somos Deus e nem Jesus, somos uma ovelha que precisa ser cuidada e pastoreada. Um pastor não se auto pastoreia, precisamos de companheiros idôneos que nos aconselhem e nos orientem em nossa jornada, a história da Igreja nos mostra que homens que fizeram a diferença foram pastoreados por outros iguais, Timóteo, Policarpo, Irineu, Inácio, Justino o Mártir, Lutero, Calvino, Armínio, etc”*.

Baseando-se nos entrevistados verifica-se então que deve partir de cada um/a a autoanálise e a busca de ajuda quando nos deparamos com o esgotamento ministerial. Um pastor/líder não precisa sofrer calado as lutas ministeriais pois possui família, irmãos em cristo e várias outras instituições de apoio para dividir a carga que muitas vezes excessiva é em seus ombros. É importante frisar também que a busca incessante que temos em aprovação coletiva e satisfação laboral acresce o desgaste individual e

se não tratada devidamente pode ser também um fator preponderante no esgotamento ministerial. É fato que as mudanças demandam compreensão, porém o tempo empenhado para tal deve caminhar paralelamente ao tempo investido em ações de ação/prevenção do esgotamento ministerial se tornem realmente efetivas fazendo a diferença ao indivíduo no ambiente congregacional.

A descentralização das funções pastorais pode ser uma proposta viável para solucionar demandas congregacionais, servindo também como ferramenta de prevenção. Isso também é apontado pelo Pastor 5 ao afirmar: *“A centralização das funções ministeriais tem sido uma das maiores problemáticas do desenvolvimento pastoral. O líder deve aprender a descentralizar suas funções a homens idôneos e não cometer o mesmo erro de Moisés”*. Ou seja, descentralizar gera benefícios organizacionais, porém não extingue o problema do esgotamento por completo, contudo, o apoio conseguido por uma gestão descentralizada pode ser um fator que viabilize a ação pastoral mais ampla e menos fatigante, conseguindo abranger também ações pontuais a outros pastores subordinados elevando assim o nível de confiabilidade da equipe.

## CONCLUSÃO

Ao analisar os dados levantados nas entrevistas, a bibliografia e a vivência das experiências de Estágio em teologia em um mundo pós pandêmico, pudemos perceber a imensa dificuldade que temos como igreja em reconhecer nossas falhas organizacionais em não tomarmos as devidas

precauções e cuidados com aqueles que por vocação se colocam à disposição para em qualquer momento nos trazerem aconselhamento para o dia-a-dia e conforto em meio ao caos.

Consideramos que a igreja enquanto comunidade de crentes em Jesus também deve se responsabilizar pelos seus colaboradores até mesmo em relação aos que são voluntários. As instituições devem promover aos seus pastores/líderes, ações de acolhimento, acompanhamento médico periódico, momentos de lazer familiar, férias regulares e deixar a velha prática de “sugar” o indivíduo até deixá-lo esgotado de si e do ministério, pois é somente o cuidado mútuo que fará com que uma igreja caminhe de forma sadia e tenha a visão de que seu pastor/líder é um vocacionado disposto a tudo para ajudar no desenvolvimento de todos os indivíduos, desde de que esse “tudo” respeite a individualidade levando em consideração que para além da posição (cargo) eclesiástica existe um ser humano frágil e dependente da misericórdia de Deus.

Quanto as responsabilidades das instituições cristãs (igrejas), cabe ao pastor também tomar conta de si, recorrendo a ajuda em caso de sintomas de esgotamento ministerial. Entendemos que a posição de liderança normalmente exige um posicionamento forte e estratégico de controle, porém pastores/líderes não devem se esquecer que padecem de todos os males inerentes ao ser humano, e podem contar com ajuda física e psicológica, de sua família e igreja que aliados em um processo de cura ajudarão esse pastor/líder a vencer todos os obstáculos, onde a alegria de exercer o ministério cristão se tornará novamente abundante no interior do indivíduo fazendo-o gerar novamente frutos ministeriais que servirão para dar continuidade a obra realizada.

Apelamos para que as igrejas se movimentam em relação aos seus pastores/líderes, que promovam ações de comunhão não necessariamente congregacional, mas que transcende os espaços congregacionais, visando o bem estar do indivíduo e de sua família, gerando a fraternidade cristã que nos primórdios foi a base para o início das atividades apostólicas como atestando em Atos 2:42 “no partir do pão e nas orações”. Isso implica pontuar erros, tecer elogios aos acertos, aparar as arestas quando necessário e promover constante a vocação para o qual pastores/líderes foram chamados.

## Referências

ANIMA PUC MINAS. *Uma abordagem espacial-geográfica da ação pastoral*; 2013; Disponível em: <http://portal.pucminas.br/anima/formacao.php?pagina=4633&codigo=10#:~:text=Uma%20a%C3%A7%C3%A3o%20pastoral%20%C3%A9%20toda%20pessoas%2C%20tomadas%20individual%20ou%20coletivamente.> Acessado em 10/06/2022.

**Bíblia de Estudo Pentecostal.** *Tradução de João Ferreira Almeida.* Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), 1995.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio; *Pastoral/Pastoreio*; Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul. Texto original português. Disponível em: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=187> . <<acesso em jul/2022>>.

EBERT, Clarice; SOBOLL, Lis Andrea Pereira. *O trabalho pastoral numa análise da Psicodinâmica do Trabalho.* Canoas, dez. 2009.

MELLO, Celso Ricardo de Jesus; ROSA, Luiz Augusto. *O ministério pastoral e os desafios na relação familiar*. Faculdade Bíblica das Assembleias de Deus, 2020.

OLIVEIRA, Roseli Margareta Kühnrich de. *Cuidando de quem cuida: Propostas de poimênica aos pastores e pastoras no contexto de igrejas evangélicas brasileiras*. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo – RS, 2004.

PESSOA, Jimmy Barbosa. *Anjos Cansados: O sofrimento de pastores com sintomas da síndrome de burnout na Assembleia de Deus Ministério do Belém*. Universidade Pontifícia Católica, São Paulo – SP, 2020.

NASTRINI, Márcio; STEGER, Walter. *Quando o líder cristão chega ao limite - Burnout Pastoral*. Revista Ministério, maio/junho, 2017.

SOUTO, Gilmar Santos; FLUCK, Marlon Ronald. *Esgotamento no trabalho pastoral*. Revista Teologia, Sociedade e Espiritualidade Betânia; N°5, VOL 1, Curitiba – PR, 2018.